

HISTÓRIAS DE VIDA: UMA ANÁLISE DO PAPEL E DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA E DA RELIGIOSIDADE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

■ ANDRÉA SILENE ALVES FERREIRA MELO

<https://orcid.org/0000-0002-6996-5316>

Universidade Estadual de Feira de Santana

■ MARCO ANTÔNIO LEANDRO BARZANO

<https://orcid.org/0000-0003-3273-9216>

Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO

O presente artigo apresenta o resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa inscrita no âmbito do método (auto)biográfico, que teve como um dos objetivos analisar as construções de gênero e sexualidade na vida de cinco licenciados(as) em Ciências Biológicas, com enfoque no papel e na influência da família e da religiosidade na constituição desses indivíduos. O percurso metodológico está embasado na pesquisa (auto)biográfica, utilizando-se de entrevistas narrativas como meio de obtenção das informações. Tendo como fio condutor os estudos sobre experiência e sobre memória, as narrativas dos(as) cinco egressos(as) revelam histórias marcadas por falas plurais-singulares que remetem às construções de gênero e sexualidade no decorrer de suas vidas, nas diversas instâncias sociais, como a família e a instituição religiosa. A análise das narrativas foi realizada através de aproximações com o Método de Análise Compreensiva-Interpretativa. As narrativas dos(as) entrevistados(as) revelam a influência das normas e valores que são construídas em meio aos diferentes arranjos familiares apresentados pelas famílias de origem dos(as) entrevistados(as), fundamentais no processo de construção da subjetividade do indivíduo, bem como a influência da religiosidade, considerando a instituição religiosa como um possível espaço de convivência e formação na vida dos(as) entrevistados(as). **Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Religiosidade. Ciências Biológicas. Abordagem (auto)biográfica.

ABSTRACT **LIFE STORIES: AN ANALYSIS OF THE ROLE AND THE INFLUENCE OF THE FAMILY AND RELIGIOSITY ON GENDER AND SEXUALITY**

The article presents the result of a qualitative research registered in the scope of the (auto) biographical method, which had as one of its objectives to analyze the constructions of gender and sexuality in the life of five graduates in Biological Sciences, focusing on the role and the influence of the family and religiosity in the constitution of these individuals. The methodological path is based on (auto) biographical research, using narrative interviews as a way of obtaining information. Based on studies of experience and memory, the narratives of the five graduates reveal stories marked by plural-singular speeches that refer to the constructions of gender and sexuality throughout their lives, in different social instances, such as family and religious institution. The analysis of the narratives was carried out through approximations with the Comprehensive-Interpretative Analysis Method. The interviewees narratives reveal the influence of norms and values that are built in the different family arrangements presented by the interviewees' families of origin, which are fundamental in the process of building the subjectivity of the individual, as well as religious influence, considering religious institution as a possible space of living together and formation on interviewees's life.

Keywords: Gender. Sexuality. Religiosity. Biological Sciences. (Auto) Biographical approach.

RESUMO **HISTORIAS DE VIDA: UNA ANALIZE DE LO PAPEL Y DE LA INFLUENCIA DA FAMILIA Y DE LA RELIGIOSIDAD SOBRE GÉNERO Y SEXUALIDAD**

El artículo presenta el resultado de una investigación cualitativa registrada en el ámbito del método (auto)biográfico, que tenía como uno de sus objetivos analizar las construcciones de género y sexualidad en la vida de cinco licenciados en Ciencias Biológicas, centrándose en el papel y la influencia de la familia y de la religiosidad en la constitución de estos individuos. La ruta metodológica se basa en la investigación (auto)biográfica, utilizando entrevistas narrativas como medio para obtener información. Basándose en estudios sobre la experiencia y la memoria, las narraciones de los cinco licenciados revelan historias marcadas por discursos en plural y singular que se refieren a las construcciones de género y sexualidad a lo largo de sus vidas, en diferentes instancias sociales, como familia y institución

religiosa. El análisis de las narrativas se realizó a través de aproximaciones con el Método de Análisis Comprensivo-Interpretativo. Las narrativas de los entrevistados revelan la influencia de normas y valores que se construyen en los diferentes arreglos familiares presentados por las familias de origen de los entrevistados, que son fundamentales en el proceso de construcción de la subjetividad del individuo, bien como la influencia de la religiosidad, considerando la institución religiosa como um espacio posible de convivencia y formación en la vida de los entrevistados.

Palabras clave: Género. Sexualidad. Religiosidad. Ciencias Biológicas. Enfoque (auto)biográfico.

Introdução

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de
cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou
vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que
quero.

(PESSOA, 1980, p. 238)

As histórias de vida e formação de educadores(as) fornecem informações que possibilitam a compreensão dos processos educativos em variadas instâncias, especialmente na área de formação de professores(as), pois potencializam a análise e reflexão das próprias vivências e dos espaços formativos. De acordo com Passeggi e demais autores (2012, p. 34),

[...] a disposição do humano a se tornar sujeito, mediante o ato de narrar a história de sua vida, constitui um postulado da pesquisa (auto)biográfica, fundamentado numa concepção filosófica do sujeito como ser capaz e pleno de potencialidades para se apropriar do seu poder de reflexão.

A pesquisa (auto)biográfica se constitui como abordagem metodológica que possibilita ao(a) investigador(a) ter como objeto de

estudo o sujeito e a sua subjetividade. Aproximando-se da compreensão da história do outro através da escuta, a pesquisa narrativa inserida nessa abordagem se apresenta como um importante meio de reflexão e de construção de sentido para as experiências vividas pelos sujeitos.

A história oral se apresenta na abordagem (auto)biográfica como uma expressão polisêmica que apresenta diversas modalidades, tais como a autobiografia, a biografia, o relato oral, a história de vida, as narrativas de formação. Em todas elas, a memória constitui-se como elemento primordial, pois será por meio dela que os sujeitos irão buscar as experiências condizentes com a temática de estudo a ser investigada (SOUZA, 2006, 2007).

Buscando na memória os acontecimentos que marcaram suas histórias de vida e trajetórias acadêmicas, tomamos de Bosi (2003) a consideração de que trabalhar com a memória individual é um movimento através do qual se pretende recompor o vivido e reestruturar momentos presentes para, a partir de então, refletir a própria história de acordo com as experiências atuais.

Ao tratarmos desse objeto de estudo, partimos de indagações sobre como os temas

gênero e sexualidade foram apreendidos, vividos, construídos ao longo da vida, em diversas esferas, quais sejam: a família, as instituições escolares, a instituição religiosa, a comunidade na qual os sujeitos – licenciados(as) em Ciências Biológicas – estavam inseridos(as), até o momento atual, a partir da reflexão dessas construções na vida pessoal e na formação e atuação docentes.

A sexualidade apresenta-se a partir de um conjunto de fatores e manifestações ao longo de toda a vida de um indivíduo, desde a sua concepção e gestação à sua morte, refletindo o contexto sociocultural em que vive. Não está vinculada apenas aos aspectos biológicos; tem relação com o mais profundo do nosso ser – com a nossa razão e com os nossos sentimentos.

Em meio às relações sociais que os seres humanos estabelecem entre si, se constroem e se reproduzem as relações entre os gêneros, com as nuances culturais, sociais, históricas, temporais e políticas de uma determinada sociedade. As experiências de gênero variam tanto entre as sociedades como no interior de uma mesma sociedade, que pode ser constituída por diferentes grupos étnicos, religiosos, raciais, de classe, entre outros. Segundo Louro (2014), o gênero se refere à construção das identidades masculinas e femininas, ou seja, à identidade dos sujeitos.

Assim, em busca de melhor compreender como se dão os atravessamentos de gênero e da sexualidade ao longo da vida, enquanto construções sociais e culturais, adotamos a pesquisa (auto)biográfica como proposta metodológica, que tem como finalidade “explorar os processos de construção do sujeito no seio de espaço social, interrogar e compreender as construções biográficas nos seus contextos e ambientes.” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 51).

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir de entrevistas narrativas, em uma proposta rememorativa e reflexiva sobre as experiências

vividas e atravessadas pelas questões de gênero e sexualidade na vida dos(as) entrevistados(as), analisando a possibilidade formativa dessas experiências, a partir de aproximações com o Método de Análise Compreensiva-Interpretativa (SOUZA, 2006), na medida em que as vivências familiares, religiosas, escolares, da vida e da formação acadêmica eram trazidas de volta à lembrança, recontadas, revividas e refletidas à luz da percepção desses(as) docentes.

Os(as) licenciados(as) em Ciências Biológicas que concordaram em participar desta pesquisa¹ foram identificados(as) com nomes de flores, segundo inspiração em Lispector (1998),² que descreve diversos tipos de flores e suas características “humanas”. Assim, qualquer semelhança entre “cravo”, “violeta”, “estrelícia”, “crisântemo” e “girassol” pode não ser mera coincidência. Os(as) participantes se encontravam na faixa etária de 26 a 30 anos de idade, sendo três do sexo masculino e duas do feminino, com tempo de formação em licenciatura em Ciências Biológicas entre cinco a sete anos, em instituição pública de ensino superior baiana.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa desenvolvida sobre os atravessamentos de gênero e sexualidade nas trajetórias de vida e formação de egressos(as) em Ciências Biológicas, no qual abordaremos, para o escopo deste texto, o contexto da família, primeiro espaço de socialização do indivíduo, e o da religiosidade.

Entre memórias, experiências e narrativas

Como arrancar do fundo do oceano das ideias um ‘fato puro’ memorizado? Quando puxarmos

1 Esta pesquisa foi aprovada por um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), conforme recomendações das Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), com o Protocolo nº 1.894.967/2017.

2 LISPECTOR, Clarice. **Água viva**: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

a rede veremos o quanto ela vem carregada de representações ideológicas. [...] a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana. (BOSI, 2003, p. 19-20)

As narrativas constituem uma das potencialidades de descrição da vida, sendo utilizada neste estudo a narrativa oral, que possibilita um exercício de (re)interpretação da vida, evocando-se as lembranças e os sentidos atribuídos a acontecimentos vivenciados por uma pessoa. No ato narrativo, buscamos a compreensão de memória considerada por Abrahão (2006, p. 151), na qual

[...] a memória é reconstrutiva, além de ser seletiva, mercê não só do tempo transcorrido e das diferentes ressignificações que o sujeito da narração imprime aos fatos ao longo do tempo, mas também pelas ressignificações que ocorrem na relação que se estabelece entre narrador e pesquisador no momento da narração.

Segundo Lima e demais autores (2015), a utilização das narrativas como dispositivo de pesquisa na área de formação docente foi introduzida no Brasil a partir dos estudos de Antônio Nóvoa e Marie-Christine Josso, com as histórias de vida de professores, além de outros(as) pesquisadores(as) que têm trabalhado com essa abordagem. Eles(as) consideram que as narrativas se apresentam como uma perspectiva para as investigações que emergem do diálogo que parte da escola e dos(as) docentes, apropriando-se das experiências desses sujeitos.

Primariamente, a comunicação humana foi se estabelecendo a partir da contação de histórias, de uma geração a outra, através de narrativas que apresentam uma enorme variedade de formas. Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 92) afirmam que o enredo é a parte mais importante da narrativa, e se constitui através de “pequenas histórias dentro de uma história

maior”, dando coerência e sentido ao contexto em que os acontecimentos se desenrolaram.

A palavra narrar vem do verbo latino *narrare*, que significa expor, contar, relatar. [...] Narrar tem, portanto, essa característica intrínseca: pressupõe o outro. Ser contada ou ser lida: é esse o destino de toda história. [...] ao narrar falamos de coisas ordinárias e extraordinárias e até repletas de mistérios, que vão sendo reveladas ou remodeladas no ato da escuta ou na suposta solidão da leitura. (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 50, grifo dos autores)

É preciso dar um sentido a tudo o que vivemos na vida. No presente estudo, utilizando a narrativa de si, buscamos ouvir como os(as) egressos(as) do curso de licenciatura em Ciências Biológicas conseguem perceber os atravessamentos e as singularidades das experiências de gênero e de sexualidade em suas vidas, ao revisitarem suas memórias e suas trajetórias de vida e formação, e como se permitiram serem sujeitos da experiência. Por isso, faremos essa discussão com base na relação entre memória, experiência e o sentido atribuído ao vivido, pois “é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo.” (LARROSA, 2002, p. 69).

Na abordagem (auto)biográfica há, também, a dimensão temporal, na qual a experiência vai estar situada e percebida em um dado contexto sociocultural, elaborando a lógica mental, comportamental e verbal de sua narrativa, de acordo com suas representações sobre a própria existência (DELORY-MOMBERGER, 2012) e, como nos mostra Josso (2010, p. 40),

Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas

das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou mas o que se aprendeu experencialmente nas circunstâncias da vida.

Larrosa (2002; 2011) considera que a experiência é o que nos acontece e que deixa marcas, que têm um significado. Para dar sentido a algo e se permitir ser tocado, precisamos dispor de tempo para vivenciar uma determinada situação, para ressignificar uma informação, refletindo sobre ela e atribuindo-lhe um sentido próprio, único, singular. A narrativa convida o sujeito a falar de si, no seu próprio tempo.

Vivemos em uma sociedade que nos apresenta, diariamente, uma grande quantidade de informações sobre os diversos aspectos da vida, e o tempo nos parece sempre insuficiente para darmos conta de tudo o que nos é oferecido. As atividades profissionais exigem cada vez mais dedicação de tempo e qualificação, e nos sentimos, muitas vezes, coagidos, exigindo cada vez mais de nós mesmos estarmos acessando mais e mais informações cotidianas, e também das especificidades profissionais. Na agitação do cotidiano, sempre trabalhando em busca de algo mais – que quase sempre não sabemos o que é e nem como conseguir –, não temos tempo de digerir as informações que recebemos, e tampouco nos permitimos viver a experiência.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24)

Segundo Bosi (2003, p. 24), “as coisas aparecem com menos nitidez dada a rapidez e descontinuidade das relações vividas; efeitos da alienação, a grande embotadora da cognição, da simples observação do mundo, do conhecimento do outro”, e também do conhecimento de si.

Dessa forma, vários aspectos pertinentes à nossa própria vida passam despercebidos e/ou são pouco valorizados em um determinado momento, podendo ter sentido em outro. Não paramos para pensar o que nos tem constituído como ser, e é nesse sentido que a pesquisa (auto)biográfica se insere, fazendo o sujeito mergulhar em si mesmo, em seus percursos de vida, dando sentido e significado às experiências vivenciadas, com um olhar do presente que volta e visita o passado, que lhe possibilita refletir e reescrever sua própria história, seu futuro.

A narrativa apresenta-se atravessada por linguagens – falas e silêncios, mediada por emoções que vão conjugar o passado, o presente e o futuro. Ao ativar o recurso da memória, a narrativa de si leva o indivíduo a implicar-se no processo de reflexão de e sobre si mesmo, considerado por Oliveira (2006, p. 54) como o “exercício do desassossego”; no qual volta ao passado, reconstrói o presente e se coloca diante da pesquisadora, partilhando momentos que ficaram marcados em sua vida. Nesse contexto, a memória oral

[...] é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político, etc) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p. 15)

Ao evocar as lembranças sobre um determinado tema, o(a) narrador(a) vai interpretar o que viveu, atribuir-lhe sentido e dar a sua própria interpretação ao narrar o vivido. Ser sujeito da experiência, segundo Larrosa (2002;

2011), é estar aberto, receptivo, disponível para a vida; ser capaz de se arriscar, de se permitir ser tocado, de transformar-se. É com base nessa definição de sujeito da experiência que buscamos conhecer os sujeitos implicados nessa pesquisa – sujeitos únicos, com experiências singulares, com saberes das suas próprias experiências, das suas subjetividades, pois “[...] o homem define-se pelo que consegue fazer com o que os outros fizeram dele”. (NÓVOA, 2013, p. 25)

Mergulhando em si mesmo, a memória seletiva traz à tona acontecimentos que deixaram marcas nesses indivíduos, porque ela tem “[...] uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações.” (BOSI, 2003, p. 36).

Na imersão em si mesmo, na sua própria história, o indivíduo faz a narrativa de si, através da qual mergulha “[...] em territórios existenciais, em representações, em significados construídos sobre várias dimensões da vida, sobre os trajetos, sobre os processos formativos, sobre a docência e sobre as aprendizagens construídas a partir da experiência.” (OLIVEIRA, 2006, p. 51). Assim, o saber da experiência é “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.” (LARROSA, 2002, p. 27).

Enquanto processo formativo e/ou investigativo, recordar a própria história e as experiências vinculadas ao gênero e à sexualidade vai proporcionar aos(as) docentes lembrar e refletir a respeito de quem eram, como pensavam antes, como pensam agora, como foram educados(as), o que consideram significativo nesse percurso, quais experiências foram positivas e quais foram negativas, pois ao se colocarem na posição de narrador(a) da própria

história há um deslocamento de si mesmo, o que torna mais fácil se perceber e perceber o outro. Isso amplia a compreensão acerca da diversidade humana, do contexto de cada um(a), dos valores, das trajetórias de vida, dos anseios, imprimindo novos olhares à própria história.

Segundo Josso (2007, p. 415), as histórias de vida permitem trabalhar as questões da identidade ao colocarem em “[...] evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida”.

Considerando a formação como um processo de socialização, Dominicé (2014a) evidencia a importância do universo das relações familiares, escolares e profissionais enquanto espaços de regulação que estão interligados, dando um contorno único a cada história de vida. Nesse sentido, considera que a narrativa é construída como um itinerário relacional, e “aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda.” (DOMINICÉ, 2014a, p. 81).

Por conta disso, as construções socioculturais, os valores pessoais e familiares, as crenças religiosas e as práticas educacionais precisam ser refletidos, possibilitando a expressão integral do indivíduo, seja através da palavra escrita, da palavra ouvida, da palavra sentida, permitindo que as narrativas sejam dispositivos de expressão de sentimentos, de experiências, de comunicação e interação entre os sujeitos e a sociedade, e legitimando os saberes que se constituem através das experiências humanas.

Dominicé (2014b, p. 185) afirma que “a história de formação de cada um é uma história de vida”, e que, portanto, apresenta uma singularidade que impossibilita generalizações. Considerando “a vida como o espaço da educação”, enfatiza que

[...] a história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação

profissional e, em consequência, beneficia-se de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem sentido na história de uma vida. (DOMINICÉ, 2014b, p. 188-189)

As narrativas permitem uma autorreflexão sobre as próprias vivências à medida que cada indivíduo vai rememorando, revivendo e re-interpretando tudo o que lhe marcou, desde quando os acontecimentos vividos ao longo de sua vida são requisitados como parte das lembranças de situações atravessadas pelas questões do gênero e da sexualidade.

Para análise das narrativas, utilizamos do método de Análise Compreensiva-Interpretativa proposto por Souza (2006), composta por três tempos, quais sejam: o tempo I consiste de um movimento de organização e leitura geral das transcrições das narrativas; o tempo II requer uma leitura temática, através da qual fizemos a identificação temática ou descritiva, destacando os atravessamentos de gênero e sexualidade nas diversas instâncias analisadas, emergindo as categorias de análise; e, no tempo III, fizemos a leitura analítica do *corpus*, articulando as narrativas e as unidades temáticas com os excertos das falas.

É um processo dialógico que não se esgota, pressupondo também uma leitura interpretativa das narrativas. Neste artigo, o recorte de análise contempla a relação entre gênero, sexualidade, religiosidade e família presente nas memórias dos(as) entrevistados(as).

Gênero, sexualidade, religiosidade e família: histórias de uma vida

Contar histórias é, certamente, algo de que participamos (como atores), assim como algo que fazemos (como agentes). Estamos sujeitos à narrativa como somos sujeitos *da* narrativa. Somos feitos pelas histórias antes mesmo de con-

seguirmos criar nossas próprias histórias. É isso que faz da existência humana um tecido costurado por histórias ouvidas e contadas. Como narradores e seguidores de histórias, nascemos no contexto de uma certa historicidade intersubjetiva, que herdamos juntamente com nossa linguagem, ancestralidade e nosso código genético. (KEARNEY, 2012, p. 428)

A proposta discursiva se baseia na articulação entre quatro esferas da vida humana – gênero, sexualidade, religiosidade e família, sob diferentes perspectivas. Ao buscar nos recônditos da memória aspectos das vivências no âmbito familiar, é preciso considerar a importância dessa esfera social como espaço primeiro de convivência e aprendizado humanos. Bosi (2003) considera que o conjunto de lembranças de um indivíduo se corporifica em função de uma construção social de valores e percepções do grupo no qual está inserida, e que estão vinculadas também à memória e ao esquecimento de determinadas situações. Essas categorias emergiram a partir de um dos eixos discursivos da entrevista narrativa, que abordava espaços de discussão sobre gênero e sexualidade na vida dos(as) entrevistados(as).

Os seres humanos constroem um mundo de significados que constituem a cultura na qual estão inseridos, e o gênero e a sexualidade fazem parte das construções culturais que compõem o sistema social no qual a família está imersa. A família é a célula básica da sociedade, responsável pelo desenvolvimento de características primárias da vida humana, como a satisfação das necessidades materiais de alimentação, de afeto, de socialização. Além, dessas funções, os padrões de conduta sociais são inicialmente reproduzidos e/ou instituídos no âmbito familiar, como representações e práticas da vida cotidiana.

A família é um espaço vinculado a fatos biológicos da vida humana, como nascimento,

crescimento, envelhecimento e morte, mas é preciso abordá-la como instância inscrita na e pela cultura. Partindo da concepção de que a família é um mundo complexo de relações, Sarti (2004) propõe pensá-la a partir dos sentidos atribuídos pelos sujeitos que a compõem, pelas histórias que são transmitidas intergeracionalmente, pelas linguagens particulares que nela se imprimem, pelas palavras, gestos, atitudes ou silêncios nela aprendidos, reproduzidos e resignificados. A família se constitui como um produto social e cultural.

Considerando que o gênero é uma construção social (SCOTT, 1995), seu processo de elaboração se inicia na família e, em seguida, se amplia, envolvendo a relação do indivíduo com a sociedade e com os valores culturais e religiosos.

A noção de si mesmo vai estar relacionada ao reconhecimento do outro de forma simbólica, sendo esse um processo que se inicia no seio familiar e, posteriormente, se amplia para os ambientes com os quais o indivíduo interage. Essa identidade também se estabelece a partir da diferença; é um processo subjetivo, no qual vários fatores exercem influência.

Na sociedade contemporânea, há uma multiplicidade de composições familiares, que apresentam diversas construções identitárias de gênero e infinitas possibilidades de viver sua sexualidade.

Observamos que na sociedade brasileira, de uma forma geral, a cultura de família patriarcal ainda é hegemônica, a despeito de apresentar inúmeras outras configurações familiares. As relações de gênero são fortemente evidenciadas por relações de poder, de controle e dominação, instituindo um sistema de hierarquias sociais e de estereótipos de gênero que irão influenciar a formação da família enquanto instituição social. A noção de família patriarcal e o modelo hegemônico de heterossexualidade têm sido amplamente questiona-

dos e discutidos na contemporaneidade, sobretudo a partir do movimento LGBTIQ+.³

Ao longo da história, constatamos que as características biológicas influenciaram a definição dos papéis sexuais na sociedade, nos quais as mulheres ocupavam a posição de cuidadora do lar e da educação, enquanto que os homens desempenhavam funções que necessitassem maior força física para o provimento doméstico. Não obstante as intensas mudanças sociais e culturais vivenciadas no último século, esses estereótipos de gênero têm sido mantidos no sentido de reforçar tais atribuições, desqualificando a força de trabalho da mulher.

Desde meados do século XIX, podemos observar a distinção entre as esferas públicas e privadas do trabalho, com lutas incessantes pelo reconhecimento da redistribuição sexual e social do trabalho, o que implica em lutas pela igualdade de gênero com relação a esses aspectos.

É possível perceber que entre as famílias dos(as) entrevistados(as) não há homogeneidade com relação à sua constituição, sendo todas elas oriundas de diferentes municípios situados no interior da Bahia. Na sociedade contemporânea, estão presentes variados arranjos familiares, com composição patriarcal e matriarcal, e com famílias múltiplas, cuja conformação tem sido afetada por fatores demográficos, econômicos, sociais e culturais.

As famílias dos(as) entrevistados(as) apresentavam variadas conformações, desde família de composição patriarcal à matriarcal, e também famílias agregadas pelas novas constituições conjugais, quando pai ou mãe se consorciavam com outros pares, conforme constatamos nos excertos a seguir:

Eu vivi em uma cidade do interior da Bahia, em uma família tradicional, com pai, mãe, cinco filhos, estudando numa escola particular, onde

³ Sigla que abrange pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e *queer*.

as coisas não saíam muito de uma norma padrão, heterossexual, esperada. As relações de gênero feitas segundo os moldes do machismo, do patriarcado. No interior é basicamente assim. (Cravo)

[Sobre ter uma família de composição múltipla] Isso nunca foi problema pra mim, porque quando eu nasci já tinha meus irmãos por parte de pai e os irmãos por parte de mãe. Óbvio que a minha vinculação com meus irmãos por parte de mãe sempre foi mais forte porque nós convivíamos juntos, sempre moramos juntos. (Estrelícia)

Partindo de um “modelo tradicional da família nuclear burguesa (pai/mãe; filhos; filhas)”, Strey (2007, p. 21) considera que as construções ou desconstruções de gênero nas famílias contemporâneas são fortemente influenciadas pelas concepções de pais e/ou mães, ou outros membros da família, de maneira implícita ou evidenciada, associadas a outros fatores, como o trabalho, a educação, a religião. Segundo essa autora, apesar das diversas mudanças sociais, “a família ainda constitui a principal rede de relações e fonte de apoio” para a maioria das pessoas.

Um trecho da narrativa de Crisântemo nos apresenta como as experiências familiares estão implicadas na construção de gênero do indivíduo, através da relação com o irmão.

Depois que eu comecei a namorar, ter meus amigos, e tal, e como eu tenho um irmão mais velho que é muito meu amigo, eu comecei a perceber que as coisas eram diferentes pra mim do que eram pra meu irmão mais velho. Apesar da gente ter uma idade próxima, as coisas pra ele eram sempre mais fáceis; era muito mais permissivo pra ele do que era pra mim. (Crisântemo)

Nesse sentido, as interações familiares revelam como os membros de uma família se expressam quanto às questões de gênero, e o quanto influenciam especialmente crianças e adolescentes, na sua etapa inicial da vida, de-

envolvendo e transmitindo marcas do masculino e do feminino que interferem na construção das identidades dos sujeitos. As diferenças na educação dos(as) filhos(as) ficam visíveis, indicando que no exercício da sexualidade há prescrições e normatizações que “dizem” acerca dessas construções na família, estabelecendo o “lugar” de cada um.

Sobre os papéis de gênero aprendidos na esfera familiar, temos a narrativa de Girassol, que ora percebe e aceita esse processo como algo “natural”; ora é passível de questionamento e reflexão; percebendo-se a sutileza do aprendizado de ser homem e ser mulher.

Em minha família, por mais que tivessem muitas regras, como minha mãe ter que preparar o almoço e cuidar da gente, e meu pai ser extremamente machista; como ela trabalhava fora de casa também, a gente [os três filhos] teve que ajudar, porque meu pai trabalhava na roça. [...] A gente estava ali como filho que atendia às regras estabelecidas pela família, que era ajudar a mãe. [...] A gente não podia relatar essas coisas com os colegas. Tinha que fazer tudo, falar tudo, menos as coisas que as mulheres faziam, que minha mãe fazia... Eu poderia dizer que trabalhava com meu pai na roça, que eu destocava pasto, que eu plantava, que eu fazia tijolo; tudo isso não tinha problema. Mas se eu dissesse que eu varria a casa, que eu passava pano, que eu fazia comida, não era bem visto. (Girassol)

A transmissão intergeracional dos estereótipos de gênero modela os papéis sociais e sexuais entre os membros da família, que são apresentados de forma velada ou evidenciados. A normatização de gênero pode ser tão significativa na vida de um indivíduo ao ponto de não permitir que pense, ainda que temporariamente, em outras possibilidades de ver, sentir e estar no mundo.

Sarti (2004, p. 17) afirma que “a família é o lugar onde se ouvem as primeiras falas, com as quais se constrói a auto-imagem e a imagem do mundo exterior; [...] é o filtro através do

qual se começa a ver e a significar o mundo”. Pensando a família sob essa ótica, é possível compreender a influência que exerce entre os seus membros, percebendo-se a contribuição de cada um no silêncio das palavras e no grito das ações.

Em outro aspecto relacionado ao gênero revelado na narrativa de Girassol, se observa uma importante característica relacionada ao trabalho considerado “de mulher”, que parece não ter o mesmo valor que o trabalho “de homem”. Embora o discurso atual seja o de compartilhar as tarefas domésticas, a nossa raiz cultural ainda permanece firme na manutenção das atribuições de tais atividades para a mulher.

Quando Girassol comenta que “[...] não podia relatar essas coisas com os colegas”, fica marcada a força dos impositivos socioculturais, a ausência do papel da escola e a necessidade de que os currículos atendam às novas demandas sociais na contemporaneidade, para repensar a família e seus arranjos, e como trabalhar a exclusão, o preconceito, as desigualdades.

Nesse movimento sutil de transmissão intergeracional de valores sobre gênero e sexualidade, se pode compreender como a violência e a subordinação de gênero se instalam de forma natural. As violências físicas e simbólicas estão arraigadas em costumes conservadores, em culturas e modos de educação formal e/ou informal, em crenças religiosas, e são interiorizadas e externadas nas diversas instâncias que perpassam a vida humana.

Como ser de relações, ao ser humano é possibilitado contínuo aprendizado no decorrer de sua vida, e as experiências vivenciadas podem ser constantemente revistas e ressignificadas, inclusive a partir do ato de contar a sua própria história, como aconteceu nas entrevistas realizadas para esse estudo.

Segundo Castro (2013, p. 3), o movimento de narração faz com que o(a) narrador(a) se torne

objeto de pensamento e problematização de si mesmo; um movimento em que jamais será o mesmo indivíduo de antes de contar sua história, porque entra em contato consigo, com suas subjetividades, e se transforma. “Não é uma simples repetição de fatos, mas uma narrativa de si como exercício de constituição de si mesmo”.

Nessas narrativas, é possível observar a importância das relações estabelecidas na esfera familiar, fazendo com que as pessoas se identifiquem com as linguagens e as ações dos membros de sua família, ou estabeleçam um sentimento de distanciamento, que pode surgir em uma fase posterior da juventude ou da vida adulta.

Eu sempre fui muito reclusa em relação a conversar sobre sexualidade. Até o momento que eu percebi um pouco porque eu era assim, que eu comecei a namorar, que era muito por conta do que minha mãe falava. (Crisântemo)

Boa parte da informação a respeito de sexualidade é o que você discute com as pessoas que estão ao seu entorno, e discute de maneira não formal, ou às vezes, você observa uma conversa mais formal a respeito daquilo. Obviamente que minha mãe e meu pai contribuíram na construção da minha relação de gênero, mas nunca de maneira conversada, mas com ações, com imposições [...]. (Estrelícia)

As narrativas nos permitem vislumbrar o potencial de influência da instituição família na vida dos(as) entrevistados(as) com relação a gênero e sexualidade, reforçando suas crenças de forma sutil ou mais explícita, direcionando posicionamentos e atitudes. É importante demarcar que nesse pequeno trecho da fala de Estrelícia são apresentados os dois temas centrais discutidos neste artigo – o gênero e a sexualidade – que, embora mencionados de forma aproximada na sequência da fala, constituem diferentes aspectos da constituição do ser.

Cada família tem sua própria identidade diante dos valores culturais presentes no contexto do qual faz parte, sendo influenciada pelas concepções internas dos seus membros, assim como das questões do mundo exterior.

Buscando nas lembranças os diálogos sobre aspectos da sexualidade na esfera familiar, os(as) entrevistados(as) relatam que não houve essa interação com os pais e mães, mas, às vezes, acontecia entre irmãos(as). Apenas uma entrevistada relata a abertura por parte da mãe para conversar, mas ela não se sentia à vontade, preferindo conversar com a irmã.

Acho que também por causa de minha formação em casa [católica], que a gente não conversava muito de questões da sexualidade. (Crisântemo)

Meu pai não era muito de conversar; ele era mais, digamos, fechado. Minha mãe conversava às vezes com minha irmã mais velha, mas ela não foi boa no diálogo. (Estrelícia)

Em família, a gente se gostava, se amava, mas não era uma relação afetuosa, carinhosa, então eu compreendo que isso levou a discussão de sexualidade lá em casa a ser nula. Na visão de meus pais acho que eles pensavam que a gente não precisava falar sobre isso; eles esperavam que a gente soubesse [...] E eu esperava que eles não falassem porque eu ia ficar muito envergonhado. [...] Era uma casa onde as coisas não eram ditas; eram subentendidas [...]. (Cravo)

Minha família era extremamente tradicional: três filhos, pai e mãe. Meus pais até hoje não falam sobre isso [sexualidade], nem com três filhos homens, nem pra falar de camisinha. (Girassol)

Minha família é muito unida. Como meu pai morreu pouco tempo depois que eu nasci, minha mãe sempre foi a base pra tudo. Ela era muito aberta e conversava sobre tudo [sobre sexualidade], mas eu [ênfase] tinha uma certa resistência. Ela sempre falava: 'Oh, eu quero conversar com vocês pra não dar espaço pra que vocês fiquem com informação da rua'. En-

tão, do que ela sabia, ela passava pra gente. [...] Eu nunca fui de ter amizades; era sempre eu e minha irmã. As questões de namoro dela, ela falava comigo; era muito eu e ela, como até hoje. (Violeta)

Em várias famílias, é possível perceber a inexistência de um diálogo, em virtude da dificuldade que alguns pais e mães têm em discutir questões de gênero e sexualidade com os(as) filhos(as), independente das razões que os levaram a estabelecer esse tipo de comportamento. É possível compreender que haja valores diferentes entre os(as) entrevistados(as) e seus pais, que são de outra geração e experienciaram diferentes momentos sócio-históricos.

Um excerto da narrativa de Crisântemo esclarece uma das razões através das quais tenta compreender o diálogo difícil com a mãe a respeito de gênero e sexualidade e, ao mesmo tempo, do esforço que tem feito, buscando, a partir dos conhecimentos que adquiriu com sua formação acadêmica, estabelecer novos diálogos.

Você percebe que ela [a mãe] ainda tem aquele pensamento que certas coisas a mulher não pode, e aí eu entendo muito do que eu passei na adolescência, porque ela também, quando era adolescente, não teve muito essa abertura pra conversar. A mãe de minha mãe morreu quando ela tinha 9 anos, e ela foi criada, praticamente, pelas irmãs. Muito cedo começou a trabalhar, casou com meu pai, e cedo assumiu muita responsabilidade. Pra ela não tinha muita coisa de conversar sobre isso [gênero e sexualidade], de mulher sozinha... Mulher tem que ter um marido... [...] Hoje eu converso muito mais com ela sobre essas questões, e indago ela assim: 'E por que não, mainha? Por que a mulher não pode fazer isso ou aquilo?' E ela responde: 'Não, minha filha, não é que a mulher não pode [...] [risos]. (Crisântemo)

A mudança desse cenário de diálogos familiares escassos ou inexistentes só será possível quando as gerações não mais aceitarem viver

dessas heranças culturais e buscar transformar os meios nos quais convivem, fomentando reflexões que desencadeiem questionamentos sobre esses comportamentos que vêm sendo transmitidos de uma geração a outra.

Nessa relação com a família, os diálogos ditos ou não ditos deixam marcas na vida das pessoas, algumas vezes de forma positiva, outras, nem tanto. É importante registrar que, durante as entrevistas, era comum os(as) entrevistados(as) comentarem que não se falava sobre gênero e sexualidade na família, e depois as situações iam sendo resgatadas pela memória. Durante uma das entrevistas, um dos licenciados repetia, com frequência, que não havia tido nenhum tipo de diálogo sobre gênero e/ou sexualidade na família e, de repente, ele se lembrou, empolgado, da situação descrita abaixo, reforçando na entoação de sua voz o quanto esse momento foi marcante.

Eu lembro de um único episódio em que meu pai, da minha vida inteira [ênfase], e como é o único, eu lembro muito bem, me falou sobre preservativo, e nada mais além disso, ou sobre sexo. Ele disse um dia, dirigindo: 'Cuidado com essas coisas de namoro e festa. Use camisinha!' Estava só eu e ele no carro; eu atrás, e ele na frente. Eu devia ter uns 15 ou 16 anos [...]. (Cravo)

Essa é também uma forma de demonstração de cuidado, de afeto desse pai, pois cada pessoa tem sua forma particular de se colocar, especialmente sobre aspectos da sexualidade. Assim, nas narrativas dessas histórias de vida, é possível acompanhar algumas representações de uma família, as condições de vida, as privações, os hábitos, os caminhos e descaminhos familiares. As relações de parentalidade nem sempre se constituem como uma tarefa fácil na família, agregando outros desafios nos tempos atuais, assim como a percepção de si, ao lembrar e contar a própria história. É preciso compreender e aceitar o lugar que

cada indivíduo ocupa no seio familiar, porque cada membro vai ter sua própria história, sua própria subjetividade, e a "chave" e o "momento certo" para abrir cada "caixinha" pertencem a cada pessoa.

Segundo Strey (2007, p. 22), a percepção que o indivíduo vai construindo de si tem início a partir de sua interação com outras pessoas, pois "antes de se ser 'si mesmo', se é 'filho' ou 'filha' de alguém, se nasce no seio de uma 'família'". Como seres relacionais e em constante interação com os outros, somos constituídos a partir dessas relações, e com a cultura na qual estamos inseridos, de forma contínua ao longo da vida.

Se havia dificuldade em dialogar sobre as questões de gênero e sexualidade no espaço familiar, pelo que a maioria dos(as) licenciados(as) narrou, de onde então eles obtiveram informações acerca desses assuntos? Nas narrativas, referiam:

Com os amigos, informação válida, que servisse para alguma coisa, nenhuma... [risos] Conversas banais, torpes até, a respeito do que era sexo, do que a gente dizia mais do que fazia... Na verdade, a gente não sabia de nada, né, mas ficava conversando, um sacaneava o outro, brincando a respeito daquilo, mas, nada [...] Assim fui aprendendo, de forma totalmente 'didática' [risos irônicos]. (Estrelícia)

No meu círculo de convivência, as conversas sobre sexualidade foram muito mais entre os amigos, já que pela orientação familiar não tive nenhuma. (Cravo)

A informação vinha entre os pares pra falar de masturbação; se masturbar vendo a revista... Essas coisas da gente conhecer o corpo, tudo era com os colegas, com meu irmão mais velho, e alguns colegas dele que conversavam sobre isso. (Girassol)

A conversa entre os pares, amigos(as) de infância/adolescência são os mecanismos mais frequentemente relatados pelos(as) entrevistados(as) e pelos(as) adolescentes de

uma forma geral, também em função da falta ou da precariedade de diálogo no espaço familiar. Esses dados também foram encontrados em pesquisas realizadas com adolescentes (BORGES; NICHIAITA; SCHOR, 2006), intencionalmente comparados a dados que remetem ao período aproximado da adolescência dos(as) entrevistados(as), apontando os amigos como a principal fonte de informações sobre sexo e outros aspectos da sexualidade.

Uma teia de relações começa a visibilizar o modo como nos constituímos como pessoas no mundo. Hall (2006) considera que a construção da identidade humana é realizada durante toda a vida, integrando as diferentes experiências vivenciadas. A partir dessa perspectiva, é possível perceber o processo de construção da identidade desses indivíduos com relação às questões do gênero e da sexualidade, quando o(a) entrevistado(a) narra que

A perspectiva de relacionamento que meu pai tinha com minha mãe não é a mesma que eu quero pra desenvolver na minha vida, tá entendendo? Uma relação conturbada o tempo todo e cheia de problemas, que parece que você está mais triste do que feliz a maior parte do tempo. Isso pra mim reflete diretamente no que eu penso de relacionamento hoje. A forma como meu pai enxergava o relacionamento e a própria mulher, pra mim não considero interessante... [pausa na fala, com sentimento de tristeza no rosto]. (Estrelícia)

Nesse excerto, essa busca em romper com a família se reforça ainda mais pelas marcas traumáticas que possam persistir em situações atravessadas por questões de gênero e sexualidade, vivenciadas no contexto familiar. Isso nos leva a compreender que

[...] esse modo de reconsiderar o que foi a experiência, oferece a oportunidade de uma tomada de consciência do caráter necessariamente subjetivo e intencional de todo e qualquer ato de conhecimento, e do caráter eminentemente cultural dos conteúdos dessa subjetividade,

bem como da própria ideia de subjetividade. (JOSSO, 2010, p. 41)

Nesse sentido, Sarti (2004, p. 20) apresenta uma reflexão interessante acerca do papel do jovem na família, que pode buscar romper, inverter ou até reafirmar o discurso da própria família, pois “os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de afirmação individual e social”, conforme observado em alguns trechos das narrativas.

A partir do processo de autorreflexão proporcionado pelas narrativas, os(as) narradores(as) vão revisitando suas vivências no seio familiar. Algumas lembranças são mais marcantes, e são contadas rapidamente; outras são acessadas na medida em que se volta a determinadas fases da vida. Em todas essas memórias, o indivíduo revisita suas vivências e os valores presentes, que o constituem hoje, com uma compreensão maior e com a possibilidade de, ao voltar a tais fatos, se conduzir por diferentes caminhos.

Como a família se evidencia na construção da subjetividade do ser, representando uma das bases formativas dos valores humanos, especialmente com relação ao gênero e à sexualidade, se constitui como importante espaço de problematização dessa temática.

“Os valores religiosos [...] Fazem parte do meu corpo”

As relações entre família, gênero, sexualidade e religiosidade nem sempre foram palco de muitos estudos ou discussões. A partir de meados do século XX, a diversidade de estruturas e configurações familiares vem suscitando novos interesses enquanto objeto de estudo, agregando outras temáticas inter-relacionadas, como a influência da religião na constituição dos indivíduos. Segundo Heilborn e

demais autores (2005, p. 9), a discussão desses temas compreende “[...] redes de relações que envolvem múltiplos aspectos, tais como a reprodução biológica e social, encontros sexuais e sociabilidade, crenças e rituais, para mencionar apenas algumas de suas instâncias”.

Dos(as) cinco entrevistados(as), todos(as) referiram a presença de uma matriz religiosa na família, especialmente no período da infância, sendo quatro de religião católica e um de religião evangélica. Atualmente, apenas uma entrevistada permanece vinculada às práticas religiosas católicas, um dos entrevistados se autodeclarou ateu, e os(as) demais mencionaram não estar vinculados(as) de forma regular a nenhuma prática.

A cultura brasileira se constituiu sob bases cristãs desde os primórdios da colonização portuguesa, marcadamente de matriz católica, sendo até hoje permeada por intensa religiosidade. Atualmente, o Brasil, afirmando-se constitucionalmente como Estado laico, abriga diversas religiões que constituem o *ethos*⁴ religioso de seu povo, sendo considerado o maior país católico do mundo.

A família é um ambiente privilegiado para a socialização de valores e princípios religiosos, através de mecanismos coercitivos, fazendo com que esses valores sejam transmitidos de uma geração a outra. O entrelaçamento entre gênero, sexualidade, família e religiosidade é bastante remoto na história da humanidade, pois a Igreja Católica semeou uma visão negativa da sexualidade desde a sua fundação, cristalizando algumas visões de pecado sobre o sexo, a sexualidade e as relações de gênero construídas na família e na sociedade. Busin

(2011) considera que a influência das crenças cristãs é tão marcante que influencia até mesmo as crenças de quem não se considera cristão(ã) e/ou católico(a).

Dentre os aspectos que nos interessam nessa relação entre o *ethos* religioso e o *ethos* privado – sexualidade, família e reprodução –, Duarte (2006) nos convida a compreender como os indivíduos constroem suas histórias de vida, com base em uma complexa teia de possibilidades sobre como lidar com as práticas afetivas, sexuais e reprodutivas diante dos determinantes religiosos.

No decorrer das narrativas, a religião foi lembrada, exercendo influência até o período da adolescência, por ser uma fase de maior vulnerabilidade e de desenvolvimento da autonomia individual, como se observa nos seguintes excertos:

Teve a influência religiosa também dentro da minha formação, porque a família da minha mãe é toda ‘Fundamentalista Evangélica’; desde meu bisavô, a família toda é evangélica. Eu participava por conta das pressões familiares. Meu pai não gostava e nunca foi evangélico. (Estrelícia)

Eu fui de Igreja Católica; fiz até Crisma. Tinha toda uma repressão com a questão do sexo. Sexo é pecado; masturbação é pecado; nada disso podia ser dito. [...] Eu comecei, na própria Igreja, a participar de grupos de jovens que vieram de outros lugares, e discutiam coisas que eu não podia discutir. Isso tudo começou a me transformar: o que você pensa é o que você é! Seus saberes é o que tornam o que você é! E meus saberes mudaram; eu comecei a pensar um outro lado da sexualidade e, conseqüentemente, a viver a sexualidade de uma outra maneira; a olhar pro meu corpo de outra maneira. (Girassol)

A perspectiva histórico-religiosa da sexualidade faz parte da constituição identitária desses sujeitos, mas a relação entre os arranjos familiares e religiosos possibilitou, de certa forma que, no processo de construção de si

4 De origem grega, o *ethos* pode apresentar dois sentidos: no primeiro “[...] significa ‘morada’, ‘abrigo’, e ‘lugar onde se habita’, [...] e representa aquilo que faz uma pessoa, um indivíduo: sua disposição, seus hábitos, seu comportamento e suas características”; e no segundo, “[...] significa hábitos, costumes e tradições.” (FIGUEIREDO, Antônio M. Ética: origens e distinção da moral. **Saúde, Ética & Justiça**, v. 13, n. 1, p. 2-3, 2008).

com relação às práticas e valores sexuais, estivessem presentes outras formas de se relacionar com a própria sexualidade e a do outro, que não estritamente aquela(s) vinculada(s) às concepções religiosas e familiares, socialmente condicionadas e aprendidas, não necessitando uma ruptura total com esses valores e concepções.

Dentre os valores presentes na esfera familiar, as experiências religiosas e a construção dos valores sobre sexualidade e gênero vão modelando a subjetividade de seus membros, conduzindo-os a determinadas formas de perceber-se no mundo e de relacionar-se com o outro. Tais experiências vão sendo ressignificadas a partir de novas vivências. Nesse sentido, a “voz” dos sujeitos nos leva a outra percepção acerca da experiência religiosa, apresentada da seguinte forma:

A instituição religiosa não esteve muito presente na minha vida, não. Eu comecei até a fazer catequese, mas parei no meio. Minha mãe nunca teve essa cobrança de formação religiosa. (Crisântemo)

A religião eu nunca senti que teve influência. Sou Católica, mas não sou de participar de grupos da Igreja; só ia pra missa, onde não tinha espaço para esse tipo de conversa, então eu acho que acabou não influenciando [...]. (Violeta)

Sobre a noção de pertencimento religioso referido pelos(as) entrevistados(as) em função das bases religiosas familiares, Busin (2011, p. 114) considera que “[...] é importante também destacar que o pertencimento – e o trânsito – religioso implica em uma negociação de realidade que cada vez mais se desloca do regime de atribuição (religião da família de origem) para o regime de aquisição (religião de conversão) [...]”.

Com relação à influência da religião nas discussões que envolviam as temáticas de gênero e sexualidade, a percepção de Cravo re-

vela as marcas da religião enquanto dispositivo disciplinar, que ficam por toda a vida.

Meus pais são católicos, e lá em casa todos os filhos foram também, até pelos menos a adolescência, quando a rebeldia chega. Os valores da religião foram inseridos na nossa criação desde muito cedo, e continuam até hoje. [...] A não ser que eu tenha uma tarefa de anotar num papel que tal coisa é da religião, sinto que fica marcado na gente, como ferradura que marca o animal! Fica na sua pele e você não tem como sair daquilo tão fácil.

Hoje sou ateu, mas os valores religiosos que eu carrego não saem de mim tão facilmente, porque fazem parte do meu corpo; fazem parte das minhas ações, das minhas decisões, e é uma coisa que se mistura, que fica em você. Você não sabe onde ela tá pra você tirar [...]. (Cravo)

Em relação à sexualidade e gênero, a religião proporcionou certos freios em certas atitudes que eu poderia tomar. Uma vez que você está inserido numa Igreja Católica, indo a uma missa, vendo seu pai e sua mãe mantendo um casamento feliz, que é um fundamento católico, você aceita muito bem, e almeja naturalmente aquilo também pra sua vida, já que é uma coisa boa. [...] Por isso a minha sexualidade tende a ir de acordo com essa linha do relacionamento sério, do compromisso e do casamento. Sei que existem outras formas de sexualidade muito mais livres, que vão negar essa forma, mas a religião me ensinou um caminho. [...] É uma coisa assim, que a gente não reconhece tão facilmente, mas que se você parar pra pensar por que você tem tanto isso, de certa forma vem daí, desse reforço [da religião]. (Cravo)

Sabendo que a Igreja Católica está fundada na família patriarcal, concebendo o casamento entre um homem e uma mulher como um sacramento básico, não causa estranhamento as marcas que ficam impregnadas na pele, no corpo, na vida desse sujeito. É muito impactante ouvi-lo dizer que, ao mesmo tempo em que se considera ateu, os valores católicos permanecem dentro si, em um lugar desconhecido, e que lhe toma e direciona os sentimentos

e sentidos, e o olhar sobre o mundo, assim de forma contraditória e quase permanente, como “[...] *uma ferradura que marca o animal!*”.

A percepção generificada dos atravessamentos religiosos apresentados nos trechos dessa narrativa ganha visibilidade, pois de certa forma, reforça a “naturalidade” da heterossexualidade e a necessidade de sua manutenção na própria vida – ainda que de forma inconsciente na percepção individual. Poderíamos aqui considerá-la uma escolha consciente? Buscamos em Scott (1995) o entendimento dessa questão, quando a autora afirma que não há nenhum fenômeno humano que não seja atravessado pelo gênero.

A entrada no mundo universitário vai possibilitar reflexões intensas acerca do papel da religião com relação às discussões sobre gênero e sexualidade, provocando um movimento na vida dos(as) jovens universitários(as), como revelado nessa narrativa.

[Na Universidade] Havia, de maneira digamos assim, bate papo, uma discussão não formal. Nessa época [pensativo], e aí eu entro nessa questão do questionamento da própria religião, por que eu questionava o porquê, como é que você pode ter uma visão de Deus tão excludente? Excludente no sentido de que a Igreja Evangélica, por exemplo, em questões de gênero, a mulher tem que ser submissa; se você vai pra questão de sexualidade, a questão da própria relação sexual, ela é colocada como algo pecaminoso, uma coisa assim; se você vai pra questão de identidade sexual, o homossexual não pode fazer parte; na verdade, ele tem que ser transformado primeiro, curado, pra depois fazer parte [...] Comecei a perceber isso quando entrei na Universidade; antes eu fazia outros questionamentos, eram coisas mais existenciais, questão de valor da vida, como uma vida vale mais do que outra, como se sente isso... Aí, na Universidade, isso também entrou nesse burburinho, até que me fez romper com a Igreja. (Estrelícia)

A instituição religiosa e a instituição família são espaços formativos que constroem iden-

tidades e procuram fixar maneiras de pensar e agir, influenciando posicionamentos e percepções dos indivíduos na infância e adolescência, podendo persistir além dessas fases. Nesse sentido, “a mudança de atitude exige uma reorientação intelectual, um rompimento com os vínculos sociais. E uma reestruturação da experiência passada. A mudança de atitude causa uma desordem nas relações sociais.” (BOSI, 2003, p. 119).

Ao narrar sobre os atravessamentos de gênero e sexualidade na família, cada um(a) dos(as) entrevistados(as) vai revelando o quanto os membros de suas famílias contribuíram para que eles(as) se tornassem quem são, além de evidenciar a importância de voltar às suas histórias de vida, revisitá-las, buscar suas raízes, compreender o papel da família na própria história, e ir além e profundamente para pensar sobre os processos de aprendizado-afetivos da própria vida. Parafraseando Gonzaguinha, ao dizer que “toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”,⁵ nos mostra que somos constituídos também a partir de outras pessoas.

Considerações finais

Ao encerrarmos o presente artigo, reiteramos que tivemos como objetivo analisar narrativas autobiográficas acerca das construções de gênero e sexualidade na vida de cinco licenciados(as) em Ciências Biológicas de uma universidade baiana, com enfoque no papel e na influência da família e da religiosidade na constituição desses indivíduos. Sem a pretensão de concluir, inferimos algumas considerações que apontaremos a seguir.

Partindo do entendimento de que os novos arranjos familiares, além de outras questões da vida na contemporaneidade, promoveram

⁵ Trecho da música “Caminhos do coração”, de Gonzaguinha.

profundas transformações estruturais na sociedade, as narrativas visibilizam a influência das normas e valores familiares e religiosos de modo mais flexível, e não tanto prescritivo, no processo de constituição da subjetividade individual e da construção de si, sendo passível de negociação diante dos valores, crenças e práticas sociais, especialmente na vida adulta.

Em relação à família, as narrativas revelam a influência das normas e valores que são construídas em meio aos diferentes arranjos familiares apresentados pelas famílias de origem dos(as) entrevistados(as), fundamentais no processo de construção da subjetividade do indivíduo.

Segundo relato dos(as) entrevistados(as), as crenças religiosas parecem estar mais presentes nas fases iniciais da vida, de uma forma geral, e estão vinculadas aos valores da família, atuando, em algumas situações, como um dispositivo disciplinar em relação ao gênero e à sexualidade. Essas experiências tendem a ser revisitadas ao longo da vida, e as vivências posteriores podem lhes dar novos contornos.

À medida que os(as) entrevistados(as) narravam suas histórias de vida e formação, se revelava o conhecimento das existências singulares-plurais de cada um deles(as), pois suas histórias evocavam as lembranças de pessoas marcantes em suas vidas, que conduziram processos de afetividade e de aprendizagem que envolveram a construção do gênero e da sexualidade, e influenciaram sua (trans)formação pessoal e profissional.

De uma forma geral, no que se refere aos atravessamentos de gênero e sexualidade vinculados à instituição família e à instituição religiosa, observamos que tanto os silenciamentos quanto os diálogos verbalizados, são fontes de constituição do indivíduo a partir das vivências que permeiam a sua existência, refletidas através da narrativa de sua própria

história, revisitada e ressignificada nesse processo de falar de si.

No campo das pesquisas (auto)biográficas, ser homem ou ser mulher, ou reconhecer-se na esfera do masculino ou do feminino, vai estar fortemente ancorado nas bases familiares e nos valores sociais que constituem o contexto em que cada sujeito convive, e que é passível de mudanças durante toda a vida.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs.) **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 149-170.

BORGES, Ana Luiza Vilela; NICHATA, Yasuko Izumi; SCHOR, Nêia. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 3, p. 422-427, mai./jun. 2006. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a17.pdf> >. Acesso em: 12 ago. 2008.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUSIN, Valéria Melki. Religião, sexualidades e gênero. **Rever**, ano 11, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2011. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/6032/4378> >. Acesso em: 14 mar. 2017.

CASTRO, Roney Polatto de. Escritas-narrativas de estudantes problematizando relações de gênero e sexualidades. **Anais**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd, Goiânia, 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino. (Org.) **Memória, (auto)biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 43-58.

_____. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n.

51, p. 523-740, set./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. 2. ed. Natal (RN): EDUFRRN, 2014a. p. 77-90.

_____. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. 2. ed. Natal (RN): EDUFRRN, 2014b. p. 177-210.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. In: DUARTE, Luiz F. D.; HEILBORN, Maria Luiza; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice (Orgs.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 51-87.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza; DUARTE, Luiz Fernando Dias; BARROS, Myriam Lins de; PEIXOTO, Clarice; BOZON, Michel. Apresentação. In: HEILBORN, Maria Luiza; DUARTE, Luiz F. D.; PEIXOTO, Clarice; BARROS, Myriam L. de. (Org.) **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 9-16.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre (RS), ano XXX, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>>. Acesso em: 3 mai. 2017.

_____. **Experiências de vida e formação**. 2.ed. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002. p. 90-113.

KEARNEY, Richard. Narrativa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 409-438, mai./ago. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/06.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

_____. Experiência e alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>. Acesso em: 15 out. 2016.

LIMA, Maria Emília; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em Educação. **Educação em Revista**, v. 31, n. 01, p. 17-44, jan./mar. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v31n1/0102-4698-edur-31-01-00017.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2013. p. 11-30.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Implicar-se... Implicando com professores: tentando produzir sentido na investigação/formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. p. 47-57.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; DELORY-MOMBERGER, Christine. Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. In: PASSEGGI, M. da C.; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Tomo II. Natal (RN): EDUFRRN; Porto Alegre (RS): EDIPUCRS; Salvador (BA): EDUNEB, 2012. p. 29-57.

PESSOA, Fernando. **O EU profundo e os outros EUS**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 238.

PRADO, Guilherme do Vale T.; SOLIGO, Rosaura (Orgs.). Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação... In: PRADO,

Guilherme do V. T.; SOLIGO, Rosaura (Orgs.). **Porque escrever é fazer história**. Campinas (SP): Graf, FE, 2005. p. 47-62.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 14 mar. 2004.

SOUZA, Elizeu C. de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

_____. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.) **Memória e formação de professores**. [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 58-74. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2017.

STREY, Marlene N. Gênero, família e sociedade. In: STREY, Marlene N.; SILVA NETO, João A.; HORTA, Rogério L. (Orgs.) **Família e gênero**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2007. p. 17-38.

Recebido em: 28/02/2020

Revisado em: 10/07/2020

Aprovado em: 14/07/2020

Andréa Silene Alves Ferreira Melo é doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bióloga, analista universitária do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Sexualidade (NIES), Departamento de Ciências Biológicas da UEFS. Pesquisadora do Rizoma e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Sexualidade. *E-mail*: deasilene@yahoo.com.br

Marco Antônio Leandro Barzano é doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEFS e no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (PPGEFHC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da UEFS. Coordenador e pesquisador do Rizoma. *E-mail*: malbarzano@uefs.br